

# “NEGRO E BRANCO POBRE, TUDO É ESCRAVO, MAS TEM TUDO NA MÃO”: DISCUSSÕES SOBRE RAÇA E CLASSE NO ROMANCE *JUBIABÁ* DE JORGE AMADO

Geferson Santana<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo analisa como Jorge Amado representou os problemas em torno da ideia de raça e classe, no Brasil, a partir do romance *Jubiabá*, publicado em 1935. Esta obra construiu o primeiro herói negro da literatura brasileira, Antônio Balduino, inspirado na estética do realismo socialista da União Soviética (URSS), que nos incita a discutir sobre os elementos conceituais em torno desse movimento artístico-literário e como este influenciou na produção intelectual do escritor baiano. Esta análise nos permitiu entender como os tipos (personagens) e cenários foram criados numa relação dialógica com o contexto histórico da cidade de Salvador da primeira metade do século XX.

**Palavras-chave:** Bahia. Classe e raça. Jorge Amado. *Jubiabá*.

**Abstract:** This article analyzes how Jorge Amado represented the problems surrounding the idea of race and class in Brazil, based on the novel *Jubiabá*, published in 1935. This work built the first black hero of Brazilian literature, Antonio Balduino, inspired by the aesthetics of socialist realism of the Soviet Union (USSR), which incites us to discuss the conceptual elements around this artistic-literary movement and how it influenced the intellectual production of the writer from Bahia. This analysis allowed us to understand how the types (characters) and scenarios were created in a dialogical relationship with the historical context of the city of Salvador in the first half of the 20th century.

**Key-words:** Bahia. Classe e raça. Jorge Amado. *Jubiabá*.

## Introdução

A produção literária do escritor comunista Jorge Amado tornou-se objeto de estudo de muitos pesquisadores, e ainda continua inspirando pesquisas nas mais diversificadas áreas. Neste artigo, nosso objeto de análise é a obra *Jubiabá*, publicada em 1935, pelo escritor baiano, que é o quarto livro do ciclo que ele denominou de *Romances da Bahia*<sup>2</sup>.

Mesmo reconhecendo a genialidade, atualidade e qualidade dos romances amadianos, há, certamente, muitas críticas a serem feitas. Uma das linhas de investigação é o romance

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Editor Gerente da *Revista Nordestina de História do Brasil* (RNHB), vinculada à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Reitera-se que este texto é resultado da investigação que está sendo desenvolvida no projeto de pesquisa de doutorado *Os debates sobre raça e classe pelos intelectuais comunistas: impressos e redes de sociabilidade (1937-1957)*, supervisionado pela Profa. Dra. Marisa Midore Deaecto, e dos debates e linhas de pesquisa do *Grupo Internacional de Investigación: océanos, desplazamientos y resistencia sen la literatura contemporânea* da Cátedra Fernão de Magalhães, sediada na Universidad de Playa Ancha (UPLA), no Chile. Correio eletrônico: santanageferson@gmail.com/ santanageferson@usp.br.

<sup>2</sup> Pertenceu a este ciclo os romances *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães de areia* (1937).

proletário, inaugurado por sua obra *Cacau* (1933)<sup>3</sup>, tema importante para pensar na forma como esses intelectuais dos anos 20 e 30, dentre eles Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, representaram as questões nacionais, como o debate sobre o negro brasileiro.

Mesmo reconhecendo a importância do quarto romance, e ainda que seja possível identificar na obra elementos racistas e de sexualização da mulher, é relevante mencionar que as questões raciais, em Amado, começaram a ganhar contornos no romance *O país do carnaval* (1931)<sup>4</sup>. Entretanto, é apenas com *Jubiabá* que o autor elabora um discurso profundo sobre a questão racial. Nesta obra, Amado representou os problemas socioeconômicos que afetam os moradores da cidade de Salvador, especialmente o *Morro do Capa-Negro* e os portos.

A personagem Antonio Balduíno (Baldo) é a protagonista. Quando jovem, Baldo foi criado por um Comendador após a internação de sua tia, devido a problemas de saúde desta. Após ser acusado de roubo pela governanta, o menino passa a morar nas ruas de Salvador, liderando uma horda de crianças. Com a morte de Lindinalva, filha do Comendador, ele teve que conseguir um emprego no cais da cidade para sustentar o filho de sua irmã de criação, pois havia prometido cuidar do recém-nascido. Graças a essa promessa, Baldo passa a conhecer a greve e a importância da articulação política dos trabalhadores.

A narrativa do romance mostra a importância das greves como sistema de luta que garantiria a vitória dos trabalhadores frente ao sistema de exploração dos patrões, e observa-se a estreita relação entre a ideia de classe e de raça. Mas, para a personagem principal chegar à condição de trabalhador consciente do conflito de classe, Amado construiu um enredo que tornasse a ideia de “consciência de classe” como uma construção histórica baseada nas experiências dos sujeitos. Depois que supera todos os obstáculos sociais e entende o sentido revolucionário de sua condição

---

<sup>3</sup> Para uma discussão sobre o romance proletário ver: SANTANA, Geferson. **O combate das ideias: estratégias dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937)**. 2017. 336 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017; \_\_\_\_\_. O romance proletário *Cacau*: produção literária de Jorge Amado nos moldes do realismo socialista da URSS. **Amoxtlí: Historia de la edición y la lectura**, Chile, v. 2, p. 56-69, 2019; \_\_\_\_\_. Relações de trabalho e gênero nos romances de Jorge Amado: as “operárias do sexo” e as operárias do fumo pela estética do realismo socialista (1933-1937). **Poder & Cultura**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 74-107, 2018; \_\_\_\_\_. Jorge Amado, o realismo socialista e o romance proletário: historiografia e crítica literária (1931-1937). **Revista Izquierdas**, Santiago, v. 49, p. 58-78, 2019; PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)**. 1997. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997; DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Natal: Editora da UFRN, 1995.

<sup>4</sup> Ver debate em: GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O Brasil Best Seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional**. São Paulo: Editora SENAC, 2003; DUARTE, op. cit.; SANTANA, O combate das ideias: estratégias dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937); SANTANA, Jorge Amado, o realismo socialista e o romance proletário: historiografia e crítica literária (1931-1937); LIMA, Rogério. O país do carnaval: identitárias faces do Brasil na obra de Jorge Amado. **Amerika**, França, v. 10, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/amerika/4666>. Acesso em: 14 jun. 2019. DOI: 10.4000/amerika.4666.

de trabalhador, torna-se, no entendimento de Eduardo de Assis Duarte, o primeiro herói negro da literatura brasileira<sup>5</sup>.

A seguir, faremos uma discussão sobre a dimensão estética de *Jubiabá* para entender como este romance contribuiu, e ainda contribui, para os debates sobre as questões raciais e de classe no Brasil. Nesse sentido, a análise da obra nos permitiu entender como as personagens e cenários foram articulados na construção deste romance proletário amadiano.

### A estética do realismo socialista

A estética que o *Partido Comunista do Brasil* (PCB) e demais partidos vinculados à URSS recomendavam para seus artistas e escritores era aquela proposta pelo russo Andrei Zhdanov<sup>6</sup>, no discurso que apresentou no *I Congresso de Escritores Soviéticos*, ocorrido entre os dias 17 de agosto e 01 de setembro de 1934, em Moscou<sup>7</sup>. Na interpretação de Zhdanov, o *I Congresso* protagonizado por escritores russos representou a vitória das doutrinas de Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Ilitch Lenin e Josef Stalin, que deveriam ser armas na luta contra o capitalismo<sup>8</sup>.

Para Zhdanov, o proletariado arregimentava os seus escritores, muitos deles de países capitalistas que, inclusive, encontravam-se em fase de decadência<sup>9</sup>. Caberia à literatura russa ajudar na construção de uma sociedade socialista, onde os escritores deveriam produzir narrativas inspiradas em feitos heroicos, épicos. Após o triunfo da revolução bolchevique, o governo proclamou que o “que llama intelligentsia es uno de los tres pilares del orden socialista,

---

<sup>5</sup> DUARTE, Eduardo de Assis apud BUENO, Luis. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP, 2015. p. 274.

<sup>6</sup> Andrei Zhdanov foi do *Partido Comunista da União Soviética* (PCUS) e braço direito de Josef Stalin.

<sup>7</sup> O congresso foi fruto de um processo de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade soviética. Com a extinção da *Associação de Escritores Proletários Russos* (RAPP) por Josef Stalin, devido à sua orientação trotskista, o governo russo criou a *União dos Escritores Soviéticos* com o intuito de oficializar uma nova política cultural.

<sup>8</sup> ZHDANOV, Andrei. Soviet Literature - Richest in Ideas, Most Advanced Literature. In: **Gorky, Radek, Bukharin, Jdanov and others “Soviet Writers’ Congress 1934”**, Lawrence & Wishart, 1977. Transcribed by Jose Braz, Andy Blunden and Hasan.p. [décimo e décimo primeiro parágrafos].

<sup>9</sup> NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. **Temáticas**, Campinas, v. 37, n. 38, p. 47, 2011.

junto con el proletariado y el campesinato”<sup>10</sup>. Nesta lógica, os escritores assumiram a função de “porta-voz do gênero humano, arte, vida e pensamento [...]”<sup>11</sup>.

Zhdanov acreditava que os escritores deveriam conhecer a vida para representá-la nas obras. A ideia era educar ideologicamente o trabalhador dentro do espírito socialista, residindo aí a finalidade deste realismo socialista<sup>12</sup>. Conforme Daiana Nascimento dos Santos, a “arte debía ser accesible a las masas y tener un propósito social en que legitimase el progreso socialista; exigía del escritor veracidad y una representación concreta de la realidad revolucionaria”<sup>13</sup>.

O escritor precisava ter uma concepção inteiriça e madura da realidade, já que “precisa ver o mundo na sua contrariedade móvel, para solucionar como protagonista um ser humano em cujo destino se cruzem os contrários”<sup>14</sup>. Na interpretação de Santos e George Lukács, a concepção de mundo do escritor deveria estar respaldada em experiências concretas<sup>15</sup>. Ou seja, sem “uma concepção do mundo não se pode narrar bem, isto é, não se pode alcançar uma composição épica ordenada variada e completa”<sup>16</sup>.

A partir de 1932, o realismo socialista assumiu o papel, enquanto método, de descrever o real. O propósito disto era educar os proletários, fazendo despertar a consciência de classe e o espírito do socialismo.

A arte soviética assumiu função dupla: caráter pedagógico e entretenimento<sup>17</sup>. Com isso, o escritor não deveria ser apenas aquele que descreve, pois a produção artístico-literária deve expressar a relação prática do autor com a realidade que quer representar. Caberia ao intelectual

---

<sup>10</sup> Cf. PIEMONTE, Víctor Augusto. El realismo socialista, la Tercera Internacional y el giro político-cultural en el comunismo argentino. In: Jornadas de Sociología de la UNPL, 7., 2012, Argentina. **Anais Eletrônicos...** Argentina: UNPL, Argentina. p. 8. Ainda sobre estudos referentes ao realismo socialista na Argentina consultar: PETRA, Adriana Carmen. **Intelectuales comunistas en la Argentina (1945-1963)**. 2013. 472 f. Tese (Doutorado em História) – Universidad Nacional de la Plata, Buenos Aires, 2013; PIEMONTE, Víctor Augusto. **Alcances y significaciones de la incidencia soviética en las prácticas políticas del Partido Comunista de la Argentina (1919-1943)**. 2013. 331 f. Tese (Doutorado em História) – Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013.

<sup>11</sup> DIAS, Fabio Alves dos Santos. **Do realismo burguês ao realismo socialista: um estudo sobre a questão da herança cultural no pensamento de Lukács nos anos 1930**. 2014. 338 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 298.

<sup>12</sup> NAPOLITANO, op. cit., p. 45.

<sup>13</sup> SANTOS, Daiana Nascimento dos. El realismo socialista en tierras tupiniquines. **Pacarina del Sur**, ano 5, n. 21, out./dez. 2014. Disponível em: <http://pacarinadelsur.com/home/figuras-e-ideas/1030-el-realismo-socialista-en-tierras-tupiniquines>. Acesso em: 21 jul. 2018.

<sup>14</sup> LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965. p. 78.

<sup>15</sup> SANTOS, El realismo socialista en tierras tupiniquines.

<sup>16</sup> LUKÁCS, op. cit., p. 80.

<sup>17</sup> NAPOLITANO, op. cit., p. 45; PIEMONTE, op. cit., p. 8-9.

expor o “punto de vista de la classe obrera el que debía ser abordado por el realismo socialista”<sup>18</sup>.

Demonstraremos que Amado assumiu o caráter político em seus romances. Em sua interpretação, já havia desaparecido o “homem sem partido. Hoje ele é tão raro como um animal pré-histórico”<sup>19</sup>. Como afirmou o escritor russo Ilya Ehrenburg, a literatura que toma partido teria o poder de fazer compreender a grandiosidade da luta do proletariado<sup>20</sup>. Amado, quando tomou o realismo socialista como referência estética, direcionou seu olhar para a vida cotidiana e às condições dos trabalhadores baianos. Ao mesmo tempo, esteve comprometido em escrever numa linguagem que fosse compreendida pelo proletariado e seus pares.

Segundo Santos e Eduardo de Assis Duarte, a obra amadiana está vinculada às diretrizes do PCB e do realismo socialista. Afere Santos, que as posturas políticas do escritor baiano estão expressas em “sus textos iníciales: *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), luego del Realismo Socialista en *Seara Vermelha* (1946) y en la trilogia *Os Subterrâneos da liberdade* (1954)”<sup>21</sup>. Nesse sentido:

Jorge Amado, por su parte, se apropia de temáticas relacionadas a la literatura proletaria rusa, en la medida en que propone reemplazos significativos para legitimar esta estética en el territorio brasileño. Ahora bien, las sustituciones contextuales percibidas en la narrativa de *Cacau*, *Suor* y *Jubiabá* comprueban este discurso del escritor de adecuación de temáticas socialistas al imaginario brasileño.<sup>22</sup>

As reflexões de Santos são inovadoras, especialmente no campo de estudos das obras amadianas, publicadas nas cinco primeiras décadas do novecentista. O excerto explicita que Amado tomou como referência os elementos culturais das comunidades baianas para se posicionar politicamente e legitimar seu fazer literário nos anos de 1930<sup>23</sup>. Também precisamos lembrar que sua produção literária estava sob a supervisão dos dirigentes do PCB que “exigían

---

<sup>18</sup> PIEMONTE, op. cit., p. 10.

<sup>19</sup> TÁTI, Miécio. **Jorge Amado**: vida e obra. Belo Horizonte: Editoria Itatiaia Limitada, 1961. p. 57.

<sup>20</sup> EHRENBURG, Ilya apud MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa**: história, política e literatura. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 139.

<sup>21</sup> SANTOS, El realismo socialista en tierras tupiniquines; SANTOS, Daiana Nascimento dos. Hoz, martillo, resistencia, sudor y pueblo en el brasileño Jorge Amado. In: CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da; REIS, Carlos (orgs.). **Amado Jorge**: um retrato de muitas faces. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018. p. 39-40. Ainda Cf. SANTOS, Daiana Nascimento dos. Comunismo y Novela en el brasileño Jorge Amado. **Izquierdas**, Santiago de Chile, ano 3, n. 6, p. 1-5, 2010. Ainda conferir este debate em: DUARTE, op. cit., p. 30, 45, 91 a 145. Para uma pequena análise sobre Jubiabá ver: DALMÁS, op. cit., p. 233 et seq.

<sup>22</sup> SANTOS, El realismo socialista en tierras tupiniquines.

<sup>23</sup> SANTOS, Hoz, martillo, resistencia, sudor y pueblo en el brasileño Jorge Amado, p. 42.

inflexiblemente a la intelectualidad comunista que siguiera rigurosamente las directrices del realismo socialista, imitando los modelos importantes del arte literario soviético”<sup>24</sup>.

É curiosa a lembrança de Santos, respaldada na leitura do historiador Denis Moraes, pois o caráter intervencionista do PCB foi negado nos anos 1960 por Astrojildo Pereira, um dos fundadores do partido. Ele havia defendido que “os escritores mais livres do mundo são os escritores e artistas que militam no Partido Comunista”<sup>25</sup>. Em sua visão, apenas numa sociedade socialista os escritores e artistas seriam livres e independentes, sem perder de vista a “responsabilidade histórica que lhes cabe”<sup>26</sup>.

### **O romance Jubiabá e os debates sobre raça e classe no Brasil**

Antes de analisarmos os debates sobre raça e classe presentes no romance *Jubiabá*, acreditamos ser necessário entender como as questões raciais passam a ser objeto de discussão pelo PCB. Mas, para isso, precisamos ter um conhecimento sobre sua fundação e as diretrizes que circularam a partir daí, assim como sua relação conflituosa com a *Internacional Comunista* (IC) ou *Komintern*. A vitória dos bolcheviques na *Revolução de Outubro de 1917* permitiu a configuração de um cenário político, na sociedade soviética, que culminou na criação da IC<sup>27</sup>, em 1919<sup>28</sup>. Tais eventos condicionaram várias tentativas de criação de um partido comunista, no Brasil, como a *Liga Comunista de Livramento* (Rio Grande do Sul, 1918), *União*

---

<sup>24</sup> MORAES, Denis apud SANTOS, El realismo socialista en tierras tupiniquines; DALMÁS, op. cit., p. 236.

<sup>25</sup> PEREIRA, Astrojildo. Partido e liberdade de criação. In: \_\_\_\_\_. **Crítica impura (Autores e problemas)**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963. p. 267.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 270.

<sup>27</sup> Sobre a história da Internacional Comunista, ver: BROUÉ, Pierre. **História da Internacional comunista: 1919-1943**, Tomo II. Trad. Fernando Ferrone. São Paulo: Sundermann, 2007; ZAIDAN FILHO, Michel. **O PCB e a Internacional Comunistas: 1919-1945**. São Paulo: Vértice, 1988; INTERNACIONAL COMUNISTA. **Thèses, manifestes et résolutions adoptés par les Ier, Iie, IIIe et IVe congrès de l'Internationale Communiste, 1919-1923: textes complets**. Paris: François Maspero, 1972. Ainda sobre o marxismo na América Latina, ver: LÖWY, Michael. **O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais**. Tradução Cláudia Schilling, Luís Carlos Borges. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2016.

<sup>28</sup> SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. **Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível – 1936-1948**. 2007. 465 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. p. 108. Ver debate também em: CHILCOTE, Ronald H. **O Partido Comunista Brasileiro**. Tradução Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. Ainda sobre a Revolução Russa ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002; MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

*Maximalista* (Porto Alegre, 1919), um PCB de inspiração anarquista (Rio de Janeiro, 1919)<sup>29</sup> e o *Grupo Comunista do Rio de Janeiro (1921)*<sup>30</sup>.

No entanto, a fundação do PCB ocorreu no *I Congresso*, nos dias 25, 26 e 27 de março de 1922, no Rio de Janeiro. Dos 73 filiados, compareceram apenas 9 delegados representando os grupos do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, sendo que as unidades de Juiz de Fora e Santos não puderam enviar representantes. É oportuno mencionar que estavam presentes os delegados Astrojildo Pereira, Cristiano Cordeiro, Abílio de Nequete, Hermogênes Silva, João da Costa Pimenta, Joaquim Barbosa, José Elias da Silva, Luis Peres e Manuel Cendon, com o intuito de discutir e fortalecer as pautas do partido<sup>31</sup>.

Apesar das cisões que ocorreram no partido, os três primeiros congressos, realizados respectivamente em 1922, 1925 e 1928, foram importantes para legitimar um conjunto de táticas de atuação política que dialogassem com as diretrizes da IC. Buscava-se o fortalecimento das lideranças comunistas entre trabalhadores e sindicatos, mas o partido não conseguiu entender a estreita relação entre a ideia de classe e raça.

Segundo Ronald Chilcote, os comunistas centraram suas preocupações em três áreas de interesse: racial, urbano e rural<sup>32</sup>. Mas, os documentos do partido não se dispuseram a debater a questão racial com profundidade. A obra *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil - 1924*, escrito por Octávio Brandão, entre 1924 e 1926, pode ser compreendida como um esforço de entendimento da sociedade brasileira e do imperialismo, mas o autor não trata da questão racial numa perspectiva diferente dos debates raciais do final do século XIX e início do XX. Ali aparecem várias expressões racistas como “atrasados”, “ferozes”, “cruéis” e “selvagens” para algumas etnias indígenas como os botocudos<sup>33</sup>. Mesmo sendo uma análise superficial, o autor trouxe alguns elementos curiosos, como a divisão da história do proletariado em três etapas: 1ª) A história da escravidão dos índios e dos negros; 2ª) A história da servidão do trabalhador rural; 3ª) A história do assalariado (proletariado industrial). Vale mencionar que, para Brandão, os

---

<sup>29</sup> Alguns fundadores do PCB saíram do quadro de militantes do movimento anarquista como Astrojildo Pereira e Octávio Brandão.

<sup>30</sup> Segundo Ronald H. Chilcote, o grupo foi fundado por Astrojildo Pereira e originalmente formado por 12 membros divididos entre trabalhadores e comerciantes, sendo Pereira o único intelectual. CHILCOTE, op. cit., p. 55-56.

<sup>31</sup> Cf. CHILCOTE, op. cit., p. 55-57; CARONE, Edgard. **O PCB**. (1922-1943). São Paulo: Difel, 1982; SENA JUNIOR, op. cit., p. 115-116.

<sup>32</sup> CHILCOTE, op. cit., p. 40.

<sup>33</sup> BRANDÃO, Octávio. **Agrarismo e industrialismo**: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil – 1924. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006. p. 126.

historiadores burgueses deram muita atenção à história dos índios e escravos, e se esqueceram da história dos camponeses e assalariados urbanos<sup>34</sup>.

O líder comunista Astrojildo Pereira, no final de março de 1929, escreveu uma crítica ao ensaio de Francisco José Oliveira Viana, *Populações meridionais do Brasil*, publicado em 1920. A proposta central do texto é combater o discurso do autor sobre a relatividade do conflito de classe no Brasil. Para desconstruir sua narrativa, Pereira levanta aspectos do período colonial brasileiro, tendo em vista que as tensões entre os colonizadores e os povos indígenas configuraram como conflito de classe<sup>35</sup>. Astrojildo Pereira pôs em evidência a crueldade dos colonizadores, que não só tomaram as terras dos povos indígenas como os escravizaram juntamente com os povos trazidos da África. Ainda na interpretação do autor, o sistema exploratório e opressor dos europeus desencadeou vários movimentos de resistência. Essas lutas travadas pelos escravos deveriam ser entendidas por Oliveira Viana como luta de classe, que teve seu auge na organização da *República de Palmares*, “tendo à sua frente a figura épica de Zumbi, o nosso Spartacus negro”<sup>36</sup>. Nota-se que o autor eleva a figura de Zumbi e denuncia o sistema de violência instituído pelos “senhores”, exibindo novamente as condições de conflito entre os senhores e as populações escravizadas.

As discussões sobre as questões raciais dos comunistas, na década de 1920, dialogam muito com alguns dos aspectos levantados por Carl Friedrich von Martius em sua tese *Como escrever a história do Brasil*<sup>37</sup>, premiada em 1847<sup>38</sup>, e publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB), em janeiro de 1845. O naturalista Martius buscou pensar a história do Brasil a partir da construção que fez do mito das três raças (negros, índios e brancos) e legitimou o sangue português, portanto, branco e europeu, como um “poderoso rio **que** [grifo nosso] deverá absorver os pequenos afluentes das raças India e Ethiopica”<sup>39</sup>.

---

<sup>34</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>35</sup> PEREIRA, Astrojildo. Sociologia ou apologética? In: \_\_\_\_\_ . **Ensaios históricos e políticos**. São Paulo: Alfa- Omega, 1976. p. 165.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 166

<sup>37</sup> Cf. MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Como se deve escrever a história do Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 381-403, jan. 1845.

<sup>38</sup> GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 16, 1988. A partir da análise de Guimarães podemos dizer que a premiação do trabalho de Martius foi a legitimação do projeto de história que o IHGB queria para o Brasil. Ibidem, p. 17; CAPONE, Stefania. Entre Yoruba et Bantou: L'influence des stéréotypes raciaux dans les études afro-américaines. **Cahiers d'études africaines**, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, v. 59, n. 157, p. 58, 2000.

<sup>39</sup> MARTIUS, op. cit., p. 383.

Nesse sentido, caberia ao sangue dos colonizadores eliminar as imperfeições das raças não brancas<sup>40</sup>.

É relevante lembrar que em *Agrarismo e industrialismo*, Brandão afirmou que não havia um brasileiro, mas “uma mistura desordenada de raças e sub-raças”<sup>41</sup>. Acreditamos que a ideia de raça (negro, índio e branco) e “sub-raças” (dentre elas está o mestiço) presentes no excerto não fogem daquela idealizada pelos teóricos europeus do século XIX, como Cesare Lombroso, Gustave Le Bon, Arthur de Gobineau e outros, que legitimaram a concepção de superioridade da raça branca a partir de suas características psicobiológicas e culturais. Tais teóricos influenciaram muitos intelectuais brasileiros que ajudaram a legitimar essas teorias nos trópicos. Como exemplo, citamos o médico legal Nina Rodrigues, que acreditava na inferioridade dos negros e nos efeitos negativos da mestiçagem<sup>42</sup>. É válido notar que a mestiçagem foi repensada por muitos desses pensadores brasileiros como um agente de branqueamento biológico e cultural da população, onde aos poucos, os elementos negros e indígenas seriam eliminados. Nesse sentido, acredito que esse brasileiro ainda “indefinido”, apontado por Brandão, configure como aquele que está sendo moldado pela mestiçagem, e que essa confusão de raças mencionada seja uma referência a esse processo que resultará em um mestiço mais próximo dos elementos identificadores da raça branca<sup>43</sup>.

O cenário mudou um pouco com a inserção do debate sobre raça e classe nas resoluções da IC. Os Partidos Comunistas (PCs) da América Latina tiveram que incluir em suas diretrizes as novas orientações do referido órgão internacional<sup>44</sup>. Com a realização do *I Congresso Comunista*, em Buenos Aires, na Argentina, em 1929, as questões raciais foram inseridas com mais força nos debates dos PCs latino-americanos<sup>45</sup>, o que resultou em uma pressão sobre os

---

<sup>40</sup> Sobre este debate ver: SANTANA, Geferson; SANTANA, Rogério Barreto. O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e os debates sobre a nação e a raça no Brasil. **Revista Eletrônica Discente História.com**, Cachoeira, v. 4, n. 8, p. 108-117, 2017. Também recomendamos uma consulta em: SANTANA, Geferson. **Raça e classe: a agenda política dos intelectuais comunistas baianos**. 1. ed. Latvia: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

<sup>41</sup> BRANDÃO, Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil – 1924, p. 33.

<sup>42</sup> Ver debate em: RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1151-1181, out./dez. 2008.

<sup>43</sup> BRANDÃO, Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil – 1924, p. 33.

<sup>44</sup> Sobre a questão racial na América Latina ver as discussões de José Carlos Mariátegui nos textos *Por um socialismo indo-americano*, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* e *El problema de las razas en la América Latina*. Ver também a tese do Pedro Caldas Chadarevian intitulada *Des théories du racisme à l'analyse actuelle de ses conséquences économiques sur le marché du travail au Brésil* e o texto *Some aspects of the southern question* de Antônio Gramsci.

<sup>45</sup> CHADAREVIAN, Pedro Caldas. **Des théories du racisme à l'analyse actuelle de ses conséquences économiques sur le marché du travail au Brésil**. 2006. 401 f. Tese (Doutorado em Economia) – Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, Paris, 2006. p. 118. Ainda sobre a atuação da Internacional Comunista na América Latina

comunistas brasileiros para que inserissem a questão racial nas pautas do partido. Vários órgãos ligados à *Komintern* solicitaram informações sobre a população negra e as relações raciais no país. Mas, o PCB afirmava que “il n’y a pas au Brésil une question nègre”<sup>46</sup>.

Apesar das críticas a Oliveira Viana, Pereira não construiu uma problematização direta sobre a questão racial, pois esteve preocupado em demonstrar o conflito entre as classes como contraponto. Essa questão perdurou por toda década de 1920. Enquanto os comunistas brasileiros negavam a questão racial, intelectuais vinculados à IC, como Stoian Minev, August Guralisky e os comunistas cubanos, afirmavam a existência deste problema no Brasil. Como resultado da pressão, Octávio Brandão escreveu uma circular para os companheiros de partido, em 1931, de Moscou, para solicitar informações sobre as condições em que viviam os negros brasileiros<sup>47</sup>.

O PCB, mesmo reconhecendo a condição de exploração dos trabalhadores negros, negava qualquer segregação racial. A condição de exploração a que estavam submetidos aqueles trabalhadores, inclusive os afrodescendentes, foi representada por Jorge Amado em *Cacau*, publicado em 1933, mas reconhecer tal condição nunca foi um dilema para os comunistas. O próprio Octávio Brandão coloca em pauta esta questão em *Agrarismo e industrialismo*. Para os intelectuais do partido, as condições de exploração dos trabalhadores deveriam ser analisadas numa perspectiva de classe, não de raça<sup>48</sup>. Em 1934, começou uma mudança de postura entre os comunistas brasileiros, na medida em que surgiu um esforço de aprofundamento das questões raciais. Como resultado, Brandão escreveu três textos entre 1934 e 1936, onde reconheceu a condição de exploração do negro e do índio e a importância de defender a religião e os costumes afro-brasileiros<sup>49</sup>.

---

ver: JEIFETS, Víctor; JEIFETS, Lazar. **América Latina en la Internacional Comunista 1919-1943**: diccionario Biográfico. Santiago: Ariadna Ediciones, 2015.

<sup>46</sup> LIMA, Aruã Silva de. **Comunismo contra o racismo**: autodeterminação e vieses de integração de classe no Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939). 2015. 251 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015; FERREIRA, Daniela de Jesus. **Tempos de lutas e esperanças**: a materialização da revista Seiva na Bahia. Salvador: Kawo-Kabiyesele, 2015. p. 108. Ver esta discussão também em: CHADAREVIAN, Pedro C. Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964). **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 259, abr. 2012.

<sup>47</sup> Ver esse debate na tese de Aruã Silva de Lima.

<sup>48</sup> CHADAREVIAN, Des théories du racisme à l'analyse actuelle de ses conséquences économiques sur le marché du travail au Brésil, p. 160-162.

<sup>49</sup> LIMA, op. cit., p. 218-223. Segundo Theófilo Codeço Machado Rodrigues, Basbaum escreveu o livro *A caminho da revolução operária e camponesa*, em 1934, com o pseudônimo Augusto Machado, onde relaciona classe e raça. RODRIGUES, Theófilo Codeço Machado. Entre o partido e a academia: marxistas e questão racial no Brasil. **Lutas Sociais**, São Paulo, v.19 n. 34, p. 89, jan./jun. 2015.

O I Congresso Afro-Brasileiro realizado em Recife, em 1934, contou com a presença de Edison Carneiro e Jorge Amado<sup>50</sup>. Carneiro, no artigo *Situação do negro no Brasil*, estudo publicado nos anais do evento, afirmou que o negro brasileiro não ganhou nada com o fim da escravidão, mas continuou vítima da exploração e do racismo, especialmente pelos donos dos meios de produção e proletariado branco<sup>51</sup>. Esse primeiro texto assumiu o compromisso do PCB em pensar a exploração dos negros numa perspectiva de classe e de raça. O artigo mostrou que os intelectuais do partido tinham conhecimento sobre as condições de exploração e de opressão sofridas pelos negros<sup>52</sup>.

Acreditamos que Jorge Amado, com o romance *Jubiabá*, reforçou ainda mais sua adoção a um fazer literário sob a orientação do PCB e da URSS. O debate sobre raça e classe proposto pela narrativa do romance é interessante e profundo. Assim, descreve Barbosa a personagem principal do romance:

Balduíno, órfão criado pela tia no morro do Capa Negro, em Salvador, em sua primeira infância, teve existência pobre mas conhecia uma estrutura familiar estável com a tia. Sua vida muda quando sua tia é internada em um hospício e ele é acolhido como criado na casa de um rico comendador, na Travessa Zumbi dos Palmares, onde permanece até os 15 anos. Depois vira mendigo no Pelourinho, malandro errante pelas ruas da cidade na idade adulta, plantador de tabaco, lutador de boxe e compositor de modinhas, até conhecer a redenção final como líder proletário. Seu sonho, desde criança, era ter sua vida cantada em um ABC, como os que louvavam os grandes cangaceiros do sertão.<sup>53</sup>

Temos aí uma excelente apresentação do enredo feita pela autora, e quem leu acrescentaria apenas as descrições sobre as festas nos terreiros de candomblé, ou mesmo as belas narrativas em torno da *Baía de Todos os Santos*.

Rachel de Queiroz, em carta a Amado, realça a grandiosidade do quarto romance. Era o exemplar que tanto esperava, superando a expectativa da escritora:

Grande, grande livro, seu Jorge. Cheio duma estupenda poesia, duma poesia de sôpro largo e formidável. Poesia que você não revelara ainda em seus livros anteriores, senão em traços ligeiros. Figuras que aparecem que vêm cercados de luz, como aquela Maria da barcaça, aquela que canta de cabelos soltos

---

<sup>50</sup> Para uma análise atual dos congressos afro-brasileiros ver SANTANA, O combate das ideias: estratégias culturais dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937); SANTANA, Raça e classe: a agenda política dos intelectuais comunistas baianos, p. 27-62.

<sup>51</sup> CARNEIRO, Edison. Situação do negro no Brasil. In: FREYRE, Gilberto et al. **Estudos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro: Ariel, Editora LTDA, 1935. p. 237-238. CHADAREVIAN, Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964), p. 262.

<sup>52</sup> Ver SANTANA, O combate das ideias: estratégias culturais dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937), p. 299-307; SANTANA, Raça e classe: a agenda política dos intelectuais comunistas baianos, p. 27-62; CARNEIRO, op. cit.

<sup>53</sup> BARBOSA, Júlia Monnerat. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50)**: as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB. 2010. 403 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. p. 152.

animando o marinheiro. E o Gordo, com todo o seu trágico burlesco e terníssimo...<sup>54</sup>

É inegável que Jorge Amado teve a total aprovação dos amigos vinculados ou não ao PCB, como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Edison Carneiro, Josué de Castro e outros críticos literários e escritores não pertencentes ao seu círculo de sociabilidade. Não encontramos nenhum tipo de crítica que levantasse muitos problemas do romance, com exceção de José Lins do Rego que exigiu do amigo ser “mais realista”<sup>55</sup>.

No entanto, contribuições acerca deste romance vêm sendo feitas, a exemplo deste trabalho, que tem a análise centrada nos capítulos finais do romance. Neles, o autor tentou mostrar as greves como caminho e discutir questões relacionadas à raça e luta de classe. Os últimos capítulos do romance têm como cenário de fundo as greves ocorridas em Salvador e protagonizadas pelos trabalhadores da *Circular de bondes*, padarias e estivas, onde Baldo é o personagem central. Com a morte de Lindinalva, Baldo teve que procurar um emprego de estivador nos cais da cidade para sustentar o filho da recém-defunta, pois prometeu em seu leito de morte que cuidaria do recém-nascido<sup>56</sup>.

Baldo está trabalhando no porto e escuta de outro estivador que os operários dos bondes tinham entrado em greve naquele dia. Baldo não leva a sério, pois as greves dos bondes geralmente não duram muito. Na saída do trabalho, percebe que um homem está sendo preso pela polícia por discursar, mas segue caminhando para tomar seu mingau de puba no terreiro. Narrou Amado que

Com a greve que paralisou os bondes a cidade ficou festiva. Tem um movimento desconhecido hoje. Passam grupos de homens que conversam animadamente. Rapazes empregados do comercio caminham rindo, gozando a cara do patrão que não poderá reclamar o atraso da chegada. Uma mocinha atravessa a rua apressada com medo de alguma coisa. A cidade está cheio de condutores de bonde, de operários das oficinas da companhia. Discutem com calor. Antônio Balduíno sente inveja deles porque estão fazendo alguma coisa (daquelas coisas que Antônio Balduíno gostava de fazer) e o negro não tem nada para fazer naquela manhã de tanto sol. Os grupos passam. Vão todos para o sindicato que fica numa rua alí atrás. Balduíno segue sozinho pela rua deserta. Ouve o ruído das conversas na outra rua. Parece que alguém está fazendo um discurso no sindicato. Ele também é do sindicato dos estivadores. Por sinal que já lhe falaram em ser candidato a diretoria.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> QUEROZ, Rachel apud AMADO, Jorge (org.). **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. São Paulo: Livraria Marins Editoria, 1961. p. 102.

<sup>55</sup> REGO apud AMADO, Jorge Amado: 30 anos de literatura, p. 94.

<sup>56</sup> AMADO, Jubiabá, p. 286-287. Ver comentário de Palamartchuk sobre esse evento no romance: PALAMARTCHUK, Ser intelectual comunista: Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945), p. 126.

<sup>57</sup> AMADO, Jubiabá, p. 290.

Finalmente, Baldo terá sua greve. Alguns companheiros do sindicato de estivadores o encontram na rua, convidando-o para ir ao encontro dos demais na sede do sindicato. A greve iniciada pelos operários dos bondes inspira os outros trabalhadores, como os estivadores, a lutarem por melhores condições de vida, pois muitos deles estão passando fome. A personagem, em discurso, comenta que todos os trabalhadores dos portos devem juntar forças com os operários da *Circular* porque são “todos irmãos”<sup>58</sup>. Com o voto de Baldo, todos os estivadores entram em greve, emitindo uma circular depois da reunião, que será lida pela personagem principal<sup>59</sup>.

#### COMPANHEIROS DA CIRCULAR

Os estivadores reunidos em assembleia, no seu sindicato de classe, resolveram aderir ao movimento de greve dos seus companheiros da Companhia Circular. Vêm assim trazer o seu apoio incondicional aos grevistas na luta pelas reivindicações. Os companheiros da Circular podem contar com os estivadores. Pelo aumento de salários! Por oito horas de trabalho! Pela abolição das multas.<sup>60</sup>

Estas são as palavras dos estivadores aos operários da Circular. Salvador é tomada por um intenso movimento de greve, onde os proletários lutam por melhores salários, uma carga horária de oito horas, acesso à saúde, melhores moradias. Logo os proletários de Amado não veem sentido na exploração desregrada e desigualdade no acesso à riqueza<sup>61</sup>.

Os proletários negros são personagens marcantes no desenrolar das greves. Não querem que seus filhos sejam escravos do sistema de exploração que estão inseridos. Segundo Luis Gustavo Freitas Rossi, em Amado, o trabalho está associado à escravidão, pois essa relação está bem estabelecida quando o escritor transforma Baldo num proletário. Ainda acrescenta Rossi, que o capitalismo é associado a um novo tipo de escravidão<sup>62</sup>.

Baldo, em um de seus discursos para os grevistas, faz referência à sua passagem pelo Recôncavo, especialmente a cidade de São Félix, e comenta sobre o trabalho dos camponeses nas plantações de fumo e das mulheres nas fábricas de charuto, afirmando que se souberem da greve em Salvador, que também a fariam no Recôncavo<sup>63</sup>. Parece que Baldo quer que todos

---

<sup>58</sup> Ibidem, p. 291.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 292.

<sup>60</sup> Idem.

<sup>61</sup> Ibidem, p. 293-295.

<sup>62</sup> ROSSI, Luis Gustavo Freitas. **As cores da revolução**: A literatura de Jorge Amado nos anos 30. 2004. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. p. 121.

<sup>63</sup> AMADO, Jubiabá, p. 296.

trabalhadores saibam da greve, daquele momento revolucionário, a ponto de proferir um discurso interessante no terreiro do pai de santo Jubiabá:

- Meu povo, vocês não sabem nada... Eu tou pensando na minha cabeça que vocês não sabe nada... Vocês precisam ver a greve, ir para a greve. Negro faz greve, não é mais escravo. Que adianta negro rezar, negro vir rezar para Oxóssi? Os ricos manda fechar a festa de Oxóssi. Uma vez os polícias fecharam a festa de Oxalá quando ele era Oxalufã, o velho. E pai Jubiabá foi com eles, foi pra cadeia. Vocês se lembram, sim. O que é que negro pode fazer? Negro não pode fazer nada, nem dançar para santo. Pois vocês não sabem de nada. Negro faz greve, pára tudo, pára guindastes, pára bonde, cadê luz? Só tem as estrelas.<sup>64</sup>

O discurso de Baldo é bem apaixonado. Ele está convencido de que a opressão contra o negro só terminará com a luta. O engajamento dos negros na greve resultará numa paralização geral, já que o negro compreende a maioria do proletariado. Seu envolvimento não significa apenas a vitória da greve, mas uma experiência que servirá na luta contra a opressão aos terreiros de candomblé.

Não estamos de acordo com Palamartchuk, quando afirma que primeiramente “Baldo crê na religião pregada por Jubiabá, depois a nega para acreditar na organização e luta dos trabalhadores, tornando-se Antônio Balduino”<sup>65</sup>, porque efetivamente não temos indícios sobre isso ao longo da narrativa. Não há uma negação da religiosidade da personagem, mas uma afirmação da necessidade de luta contra a opressão dos brancos que usam a polícia para terminar as festas dos terreiros. Ou seja, as conquistas dos negros nas greves resultarão em mais liberdade. Rossi também tem uma leitura diferente da autora, porque “é na greve que Balduino vislumbra a possibilidade de ressignificar o mito e o lendário da cultura Afro-brasileira, ‘proletarizando-a’ e, dessa forma, incorporando-a ao universo da luta e da consciência de classe”<sup>66</sup>.

Para Amado, a cor daqueles proletários não os diferencia, porque todos estão submetidos ao sistema de exploração. Baldo, ainda naquele discurso a seus irmãos de santo, diz claramente que negro “e branco pobre, tudo é escravo, mas tem tudo na mão. É só querer, não é mais escravo”<sup>67</sup>. Faz muito sentido a reflexão de Rossi, quando afiança que a *ideia de classe* se sobrepõe à *de raça*. Reitera que falar de classe em Amado é também trazer à tona a questão

---

<sup>64</sup> Ibidem, p. 299.

<sup>65</sup> PALAMARTCHUK, Ser intelectual comunista: Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945), p. 127.

<sup>66</sup> ROSSI, As cores da revolução: A literatura de Jorge Amado nos anos 30, p. 111.

<sup>67</sup> AMADO, Jubiabá, p. 299. Sobre essa fala da personagem ver comentário de PALAMARTCHUK, Ser intelectual comunista: Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945), p. 127.

racial<sup>68</sup>, pois os negros, para o escritor baiano, são a maioria explorada pelo *sistema de mais valia*<sup>69</sup>.

Os eventos da greve se intensificam com o confronto entre os proletários e a polícia pelas ruas de Salvador, resultando na prisão de muitos. A polícia usa da repressão contra os manifestantes nos comícios realizados pelas categorias grevistas<sup>70</sup>.

Em frente aos escritórios da companhia está parado um automóvel. É Hudson do diretor, um americano que ganha doze contos por mês. E ele vem de charuto na boca, descendo as escadas. O chofer prepara o carro. Antônio Balduino, que vem no grupo de grevistas, grita:

- Vamos prender ele, pessoal. Assim a gente também tem um preso.

O diretor é cercado. Os guardas que garantiam o prédio correm. Antônio Balduino o agarra por um braço e rasga a roupa branca. Gritam da multidão:

- Lincha! Lincha!

Antônio Balduino levanta o braço para descarregar o soco. Mas uma voz se faz ouvir. É Severino quem fala:

- Nada de bater no homem. Nós somos operários e não assassinos. Vamos levá-lo para o sindicato.

Antônio Balduino baixou o braço com raiva. Mas ele compreendeu que aquilo é necessário, que a greve não é feita por um, mas por todos. E entre gritos o americano é levado para o sindicato dos operários da Circular.<sup>71</sup>

A notícia da prisão do americano corre rápido, gerando comoção no consulado americano e entre os policiais. Mas, a liberdade do diretor da Circular tem um preço, que é a liberdade de todos os presos políticos. Os operários do bonde conseguem que suas exigências sejam atendidas. Existe por parte do consulado uma apreensão quanto à segurança do prisioneiro americano<sup>72</sup>.

Os operários das fábricas de tecido e cigarros acabam apoiando os operários dos bondes e padeiros, e solicitam dos patrões o atendimento das reivindicações daqueles trabalhadores, caso contrário, entrarão em greve no dia seguinte. “No palácio do governo, à meia-noite, os representantes da Circular e dos donos de padarias comunicam à comissão de grevistas que

---

<sup>68</sup> ROSSI, As cores da revolução: A literatura de Jorge Amado nos anos 30, p. 123-124.

<sup>69</sup> Para Palamartchuk, na acepção de Amado os trabalhadores precisavam “adquirir uma *consciência* que se desdobra em sua própria noção de *consciência de classe*, que só é verdadeira se tem a perspectiva união de todos os trabalhadores, cuja unidade encontra-se na *organização proletária*”. PALAMARTCHUK, Ser intelectual comunista: Escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945), p. 127. Ainda sobre nossa reflexão acerca da exploração ver a fala de Baldo em: AMADO, Jubiabá, p. 302-303.

<sup>70</sup> Ibidem, p. 313-17.

<sup>71</sup> Ibidem, p. 324.

<sup>72</sup> Ibidem, p. 324-25.

resolveram conceder o que eles pedem”<sup>73</sup>. Depois de todas as conquistas, a greve termina com “a vitória integral dos grevistas”<sup>74</sup>.

A greve é para Antônio Balduino uma grande revelação. Mesmo que, inicialmente, não tenha entendido o sentido da mobilização dos operários, Baldo, aos poucos, percebe que se tratava de uma “coisa mais séria que barulho, que briga. Era uma luta dirigida para um fim, sabendo o que queria, uma luta bonita”<sup>75</sup>. Lá percebe a importância da união entre os proletários na luta contra a escravidão do capitalismo.

Poderíamos até pensar que as cenas descritas por Amado representam apenas uma ficção, mas as pesquisas feitas por Consuelo Novais Sampaio<sup>76</sup> mostram que não. Num caso de greve descrito pela autora no ano de 1934, um dos anos marcado por grandes crises nos setores operários, na Bahia, ela acabou nos dando suporte para identificar semelhanças entre o evento e alguns dos elementos nas narrativas amadianas sobre as repressões policiais contra o movimento operário.

A Bahia passava por vários problemas no campo econômico desde a crise de 1929. O número das exportações “caiu de 8.238 (1928) para 4.649 (1930) e para 2.162, em 1933, ponto mais baixo da depressão. As importações caíram de 2.872 (1928) para 609 em 1932, ponto mais deprimido neste setor da economia”<sup>77</sup>. O desemprego foi um dos problemas oriundos da crise atingindo os grupos sociais mais pobres da população baiana. Os efeitos da crise seriam sentidos em quase toda década de 1930, conforme demonstrou Sampaio com os casos de greve que analisou.

Em 1934, setores relacionados ao transporte e utilidades públicas vivenciaram greves, embora pacíficas, entre os ferroviários, doqueiros, trabalhadores de serviço de bondes, telegrafistas e telefonistas. Muitas delas finalizaram sem ter suas reivindicações atendidas e terminaram na base da repressão e da coerção. As greves eram malvistas pelos donos das empresas e das elites cafeeiras, sobretudo agroexportadoras, que queriam reconquistar a grandeza que viviam no período imperial.

Sampaio traçou o enredo da greve dos operários da *Cia. Ferroviária Leste Brasileiro* (Eastern Brazilian Railway), arrendada por uma companhia de franceses, e dos trabalhadores

---

<sup>73</sup> Ibidem, p. 325.

<sup>74</sup> Idem.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 327.

<sup>76</sup> SAMPAIO, Consuelo Novais. Movimentos sociais na Bahia de 1930: condições de vida do operariado. *Universitas*, Salvador, n. 29, p. 95-108, jan./abr., 1982.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 98.

da *Cia. Linha Circular e Energia Elétrica da Bahia*, de investimento norte-americano. A greve da *Leste Brasileiro* conseguiu paralisar os principais meios de ligação entre Minas Gerais (MG) e Bahia, causando redução no fornecimento de alimentos. Devido a esse problema, as reivindicações dos trabalhadores foram atendidas parcialmente, mas decidiram continuar a greve.

A análise do rol de reivindicações formuladas pelos grevistas de ambas as companhias sugere certa coincidência nos pontos principais. De forma ampla, exigiam que seus direitos fossem respeitados, de acordo com o estipulado por leis brasileiras e de acordo com os termos do Tratado de Versalhes. De modo específico, queriam: 1) a readmissão imediata de operários despedidos por terem exigido que administradores estrangeiros acatassem as leis brasileiras; 2) jornada de trabalho de 8 horas; 3) aumento de salários; 4) um dia de folga remunerada por semana; 5) pagamento extra por trabalho extra; 6) abolição de dispensas temporárias de operários, sem justificativa; 7) a demissão de inspetores das companhias, por suas atitudes coercitivas em relação aos trabalhadores; 8) reconhecimento dos sindicatos como legítimos representantes dos trabalhadores.<sup>78</sup>

Este era o teor das reivindicações da classe trabalhadora desde as greves de 1919, e poucas mudanças aconteceram<sup>79</sup>. Juracy Magalhães foi acionado pelos empresários devido aos prejuízos que estavam tomando, o que ocasionou o alerta do aparato repressivo do estado e posterior término da greve em fins de agosto de 1934. A ação da interventoria gerou a gratidão das autoridades ligadas ao governo varguista, a ponto do “Ministro da Justiça, Vicente Rao, **telegrafar** (grifo nosso) ao Capitão Juracy Magalhaes, congratulando-o pela preservação da ordem”<sup>80</sup>.

O segundo caso curioso foi a greve dos operários da *Cia. Linha Circular*, que insatisfeitos com as condições de trabalho e salário detiveram à força um diretor norte-americano. Ele não ficou detido por mais de uma hora devido à ação da polícia, no entanto, o episódio foi relatado pelo embaixador estadunidense ao ministro da justiça, o que o levou a pedir total proteção aos funcionários estadunidenses, aos bens da propriedade e deixar a situação sob controle<sup>81</sup>. “Após a intervenção policial, a situação foi considerada sob controle, tendo operários e patrões concordado em submeter a questão à arbitragem do Ministro do

---

<sup>78</sup> SAMPAIO, op. cit., p. 101.

<sup>79</sup> Sobre uma análise aprofundada das greves de 1919 na Bahia, ver CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. **Salvador dos operários**: uma história da greve geral de 1919 na Bahia. 2001. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

<sup>80</sup> SAMPAIO, op. cit., p. 101-102.

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 101.

Trabalho, no Rio de Janeiro”<sup>82</sup>. O veredito foi transmitido pelo embaixador norte-americano ao governo do estado da Bahia, sendo curto e grosso ao afirmar que “o trabalhador que não reassumisse suas tarefas dentro de 24 horas seria imediatamente demitido”<sup>83</sup>.

*Jubiabá* fora publicado um ano depois das greves, mas estamos convencidos que há muita ligação entre o evento e as descrições do livro. Isso demonstra que, mesmo morando no Rio de Janeiro, Amado sempre esteve atento às questões sociais, culturais, religiosas, políticas e econômicas de Salvador.

### Considerações finais

Os romances amadianos estavam inscritos dentro de uma estética artístico-literária, o realismo socialista, recomendada pela URSS aos intelectuais vinculados aos Partidos Comunistas (PCs) do mundo. O escritor Jorge Amado tomou esse modelo como referência para seus romances dos anos 30, com exceção de *O país do carnaval*, porque ainda não era filiado ao partido quando o escreveu.

Com *Jubiabá*, Amado oferece aos leitores brasileiros um romance não apenas inscrito numa estética muito específica como o realismo russo, como apresenta uma possibilidade interessante de debate sobre a questão racial e de classe na sociedade brasileira. Como vimos, este romance apresenta uma visão madura do PCB acerca das discussões sobre raça no Brasil. Nas primeiras décadas dos anos de 1930, é que ele mudará sua postura, depois de muitas pressões pela IC e alguns partidos de países vizinhos, como o *Partido Comunista de Cuba* (PCC).

### Referências

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

\_\_\_\_\_. (org.). **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. São Paulo: Livraria Martins Editoria, 1961.

BARBOSA, Júlia Monnerat. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB**. 2010. 403 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BRANDÃO, Octávio. **Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil – 1924**. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

BUENO, Luis. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP, 2015.

---

<sup>82</sup> Ibidem, p. 101-102.

<sup>83</sup> Idem.

CAPONE, Stefania. Entre Yoruba et Bantou: L'influence des stéréotypes raciaux dans les études afro-américaines. **Cahiers d'études africaines, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales**, v. 59, n. 157, p. 55-77, 2000.

CARNEIRO, Edison. Situação do negro no Brasil. In: FREYRE, Gilberto et al. **Estudos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro: Ariel, Editora LTDA, 1935.p. 237-238.

CHADAREVIAN, Pedro Caldas. **Des théories du racisme à l'analyse actuelle de ses conséquences économiques sur le marché du travail au Brésil**. 2006. 401 f. Tese (Doutorado em Economia) – Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, Paris, 2006.

\_\_\_\_\_. Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964). **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 255-283, abr. 2012.

CHILCOTE, Ronald H. **O Partido Comunista Brasileiro**. Tradução Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

DALMÁS, Carine. Frontismo cultural dos comunistas no Brasil e no Chile: literatura, escritores e virada aliancista (1935-1936). **Projeto História**, São Paulo, n. 47, p. 225-258, ago. 2013.

DIAS, Fabio Alves dos Santos. **Do realismo burguês ao realismo socialista: um estudo sobre a questão da herança cultural no pensamento de Lukács nos anos 1930**. 2014. 250 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Natal: Editora da UFRN, 1995.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O Brasil Best Seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional**. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-27, 1988.

LIMA, Aruã Silva de. **Comunismo contra o racismo: autodeterminação e vieses de integração de classe no Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939)**. 2015. 251 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Como se deve escrever a história do Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 381-403, jan. 1845.

NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. **Temáticas**, Campinas, v. 37, n. 38, p. 25-56, 2011.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)**. 1997. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

PEREIRA, Astrojildo. Partido e liberdade de criação. In: \_\_\_\_\_. **Crítica impura (Autores e problemas)**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963. p. 266-270.

\_\_\_\_\_. Sociologia ou apologética? In: \_\_\_\_\_. **Ensaio histórico e políticos**. São Paulo: Alfa- Omega, 1976. p. 163-174.

PIEMONTE, Víctor Augusto. El realismo socialista, la Tercera Internacional y el giro politico-cultural en el comunismo argentino. In: Jornadas de Sociología de la UNPL, 7, 2012, Argentina. **Anais Eletrônicos...** Argentina: UNPL, Argentina. p.1-23. Disponível em: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.2189/ev.2189.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.2189/ev.2189.pdf). Acesso em: 23 abr. 2017.

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1151-1181, out./dez. 2008.

ROSSI, Luis Gustavo Freitas. **As cores da revolução**: A literatura de Jorge Amado nos anos 30. 2004. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SAMPAIO, Consuelo Novais. Movimentos sociais na Bahia de 1930: condições de vida do operariado. **Universitas**, Salvador, n. 29, p. 95-108, jan./abr. 1982.

SANTANA, Geferson. **Raça e classe**: a agenda política dos intelectuais comunistas baianos. 1. ed. Latvia: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

\_\_\_\_\_. **O combate das ideias**: estratégias dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937). 2017. 336 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

\_\_\_\_\_. O romance proletário Cacau: produção literária de Jorge Amado nos moldes do realismo socialista da URSS. **Amoxtli**: Historia de la edición y la lectura, Santiago, v. 2, p. 56-69, 2019.

\_\_\_\_\_. Relações de trabalho e gênero nos romances de Jorge Amado: as “operárias do sexo” e as operárias do fumo pela estética do realismo socialista (1933-1937). **Poder & Cultura**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 74-107, 2018.

\_\_\_\_\_. Jorge Amado, o realismo socialista e o romance proletário: historiografia e crítica literária (1931-1937). **Revista Izquierdas**, Santiago, v. 49, p. 58-78, 2019.

SANTOS, Daiana Nascimento dos. El realismo socialista en tierras tupiniquines. **Pacarina del Sur**, ano 5, n. 21, out./dez., 2014. Disponível em: <http://pacarinadelsur.com/home/figuras-e-ideas/1030-el-realismo-socialista-en-tierras-tupiniquines>. Acesso em: 21 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Hoz, martillo, resistencia, sudor y pueblo en el brasileño Jorge Amado. In: CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da; REIS, Carlos (orgs.). **Amado Jorge**: um retrato de muitas faces. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018. p. 39-44.

\_\_\_\_\_. Comunismo y Novela en el brasileño Jorge Amado. **Izquierdas**, Santiago de Chile, ano 3, n. 6, p. 1-5, 2010.

SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. **Os impasses da estratégia**: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível – 1936-1948. 2007. 465 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

ZHDANOV, Andrei. Soviet Literature - Richest in Ideas, Most Advanced Literature. In: Gorky, Radek, Bukharin, Jdanov and others “Soviet Writers’ Congress 1934”, Lawrence & Wishart, 1977.

RECEBIDO EM 08-07-2019

APROVADO EM 05-05-2019

